



Eduardo Bettencourt Pinto

Sentado à espera do Verão

“O pai deixou cair os braços, a carta e o envelope apertados na mão direita, o sol a bater-lhe no cabelo, o brilho das lágrimas nos olhos, a boca sem palavras, o mundo a ruir à sua volta. Então o pequeno Ed aproximou-se. Os seus braços prenderam-se às suas pernas, ao cheiro cansado do trabalho nas calças. Ficaram assim os dois, incendiados pelo sol do meio-dia e a poucos metros da entrada da casa.”

Ed ouve o lento murmúrio da tarde sentado na varanda. A luz cintila com ardor no topo das árvores.

Veste uma t-shirt azul, larga, que lhe cai pelos ombros como a repentina sombra de uma nuvem, calças de caqui. Tem as pernas cruzadas. No pé direito faz dançar, numa cadência distraída, a sandália de couro.

Maio é um mês resplandecente. Entre esta luminosidade há um brando resquício da brisa que lhe toca as mãos abandonadas e as deixa ainda mais nuas e desamparadas.

Os minutos arrastam-se como horas sem triunfo. Ed descobre nos ossos a fragilidade de um homem velho. Sente um intenso inverno atravessar-lhe o espírito e o corpo. Enfrenta um frio glacial que se instala dentro de si com a energia maléfica de uma tempestade. Descobre agora que as mulheres reparam nele com piedade, como se fosse uma coisa sem préstimo, esquecida num canto da despensa. Sente que está mais baixo, que os ombros encurvaram, que as pernas perderam a vitalidade, a pujança de outrora. Tem fobia a escadas, às filas arrebanhadas do supermercado, ao modo grosseiro e hostil dos motoristas que apitam do seu trono egocêntrico com impaciência desmiolada. Preocupa-se com o fôgo. Quantas vezes interrompeu o sono a meio da noite para ir verificar se está tudo bem. Tem razão para se preocupar: já o deixou ligado horas a fio. Como se isso não bastasse, a roupa esquecida na máquina de lavar também o incomoda, ele aflito – onde está a minha camisa às riscas, a branca, a roupa interior? Passa revista à casa toda, até debaixo da cama. Então é que se lembra. Às vezes pensa que o silêncio lá fora é o de domingo. Apressa-se. Não quer faltar ao culto dominical. De repente um relâmpago no cérebro indica-lhe que está errado e vai ao calendário verificar. Constata, com alívio, que é quarta-feira.

Segura o medo, a vulnerável condição de estar vivo num gesto irrelevante, como se apagasse uma chama a morrer nos joelhos quando os afaga mecanicamente, sem saber porquê.

Contou as árvores diante de si com o tédio do encarcerado em cuja cela nada acontece além do pulsar do coração. Volta a contá-las quando se esquece de quantas são. A memória anda assim, vazia. Finta-o como um miúdo travesso de um bairro pobre e triste, a bola a driblar na ponta dos pés, a poeira a cair-lhe dos calcanhares, um ruído de corrida até tudo se apagar no chão. Um homem sem memória é como uma fotografia sem imagens.

A primeira bicicleta, diz, comprei-a com o dinheiro que ganhei a tratar de galinhas e gado na minha infância. A pradaria imensa, o pai, de olhos tão azuis como o céu de agosto, a observar-me à distância. Caminhei sobre neve. Afundava as botas na fundura macia, ainda era um bom bocado até chegar aos animais. Deixava um longo rasto do meu esforço. Mas naquela idade, tudo era possível. Passei meses assim, sem fim, acumulando moedas de 60 centavos num saco que a minha mãe me deu e que escondia debaixo da cama. Ao cabo de três anos comprei a bicicleta.

Entre os áceres há pequenas, intronéticas árvores. Parecem linhas de água a crescer do vento. A Primavera trouxe-lhes flores. Ed admira aquela doçura incandescente. Parece-lhe um milagre cheio de pássaros.

Hoje, domingo, não foi à igreja. Acordou cedo com a algazarra dos corvos na relva. Abriu a janela furioso e olhou-os com rancor, disse. Ficou assim um momento, atônito, frustrado. Depois voltou à cama mas não conseguiu adormecer.

Na sua testa os pensamentos são rugas. Crispam-se com as expressões do rosto e sob o chamante peso de algumas palavras.

É de origem alemã. Vê-se no jardim – a ordem, as cores, a limpeza. Até as abelhas pedem licença para entrar no seu espaço. Um dedo no ar pode significar boas-vindas ou impedimento. Mas, no fundo, são bons os sentimentos que esconde por trás dos gestos. Os olhos humedecem-lhe com frequência sob a ordem íntima da empatia.

A bengala é a terceira perna. Apoiar-se com firmeza. Um passo incerto pode causar uma tragédia. Anda, pois, devagar. Não há nada mais vulnerável do que um corpo rente ao abismo. Ed tem medo. Na sua idade, osso fracturado

Anda pouco. Vai buscar as cartas à caixa dos correios, o jornal. Leva o lixo e a reciclagem. Volta a casa com poucas imagens – o passeio estreito, o jardim dos vizinhos, os carros, monótonos, estacionados em frente às casas. Quantas vezes surpreende-o uma voz – Ed!

Pára, volta-se. Os diálogos são curtos. Frequentemente são retalhos do noticiário das cinco. O mundo acontece nos limites do ecrã da televisão.

Quantas vezes, ao espelho, vê o rosto do pai: os lábios finos, delineados por uma linha grave, quase severa; os olhos, semi-cerrados, a esconderem-se da luz; a expressão do rosto marcada por um sentimento de surpresa. E, no entanto, vendo o pai no seu próprio rosto, não o encon-

tra. A imagem, como uma silhueta, apaga-se quando fecha os olhos – os longínquos dias da infância, as costas largas do pai rodeado pela imensa brancura da neve, pelo fumo do cigarro a invadir-lhe os ombros numa espessura de neblina.

Era um homem de outro tempo, mãos de pedra, alto como uma macieira a crescer. Levantava-se cedo, de um salto. Vestia-se mesmo no escuro enquanto a mulher, afogada sob os cobertores de lã, dormia. Ia descalço até à cozinha, despenteado, o desagradável gosto do sono na boca. Acendia a luz com um dedo habituado à escuridão e logo se punha a fazer o café. Ia ao forno a lenha buscar o pão. Cortava-o às fatias. Juntava queijo caseiro, manteiga e comia na velha, grossa e escura mesa de madeira. Quando olhava pela janela, o que via não tinha forma. Mesmo quando se dirigia aos estábulos com o candeeiro a petróleo, ladeado por uma luz amarela e que parecia dançar com os seus passos.

Uma vez vi lágrimas nos seus olhos frios, disse Ed. Estava de alvaróis coçados, as alças cruzadas nos ombros, a camisa vermelha de algodão suja e húmida do suor, as botas, cambadas e lamacentas. Abria a carta com os seus dedos grandes, talhados pelo frio e pela terra. Era uma carta da avó. Tinha morrido sentado na cadeira de rodas enquanto se entretinha a fazer palavras cruzadas no jornal.

O pai deixou cair os braços, a carta e o envelope apertados na mão direita, o sol a bater-lhe no cabelo, o brilho das lágrimas nos olhos, a boca sem palavras, o mundo a ruir à sua volta. Então o pequeno Ed aproximou-se. Os seus braços prenderam-se às suas pernas, ao cheiro cansado do trabalho nas calças. Ficaram assim os dois, incendiados pelo sol do meio-dia e a poucos metros da entrada da casa.

Sempre que pensa no Inverno, Ed vê uma pradaria branca, a casa ao fundo, fumo na chaminé, o pai curvado sobre a fria ausência do mundo.

Muitos anos já se passaram, imensos, imparáveis. Ed continua a ser o menino parado na fulminação dos instantes, expectante, a decifrar dentro de si a entropia e os estragos do Tempo. Há um elemento de surpresa quando diz tudo isto, uma perdição.

Sentado na varanda da frente, passa as mãos frias sobre o reumático dos joelhos. Tem o olhar fixo nos áceres. Calmo e lânguido, espera pelo Verão. As últimas palavras adormecem-lhe na boca como as aves que se recolhem, fatigadas, nos altos ramos da noite.